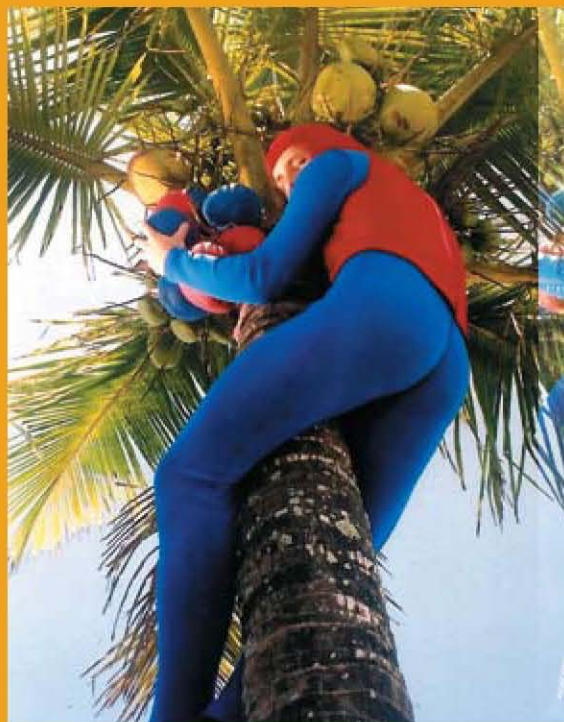


ARANHAS TROPICAIS, TIRA OS ÓCULOS E RECOLHE O HOMEM, NINJAS

“Um filme natural, bem feito e sério”; “Filme de breque baseado em fatos reais”; “Um filme cometido por...” Esses letreiros autoexplicativos pertencem a três curtas-metragens que têm em comum o fato de dialogarem abertamente com o cinema popular de gênero: são eles, respectivamente, *Aranhas tropicais* (André Francioli, 2006), *Tira os óculos e recolhe o homem* (André Sampaio, 2008) e *Ninjas* (Dennison Ramalho, 2010).

Por um lado, esses letreiros comprovam que os realizadores tinham perfeita consciência de que seus filmes seriam enquadrados, classificados e rotulados por curadores de festivais, programas de televisão, críticos e espectadores, razão pela qual preferiram se antecipar, definindo, de forma irônica, o seu próprio trabalho. Por outro, eles chamam a atenção para o fato de que os gêneros cinematográficos (ou os signos e clichês que os particularizam) estão aí para serem mesmo experimentados, desconstruídos, violentados, reinventados.

Embora o prazer em lidar com o filme de gênero estivesse presente na origem desses três curtas, eles sem dúvida resultaram em propostas estéticas e temáticas inteiramente diversas. *Ninjas* de longe parece ser o mais “reverente”, mantendo-se fiel aos preceitos do filme de horror em sua vertente realista. Baseado no conto do escritor e jornalista Marco de Castro (*Um bom policial*), o curta de Dennison Ramalho mergulha no pesadelo em que se torna a vida de Jaílton (Flávio Bauraquí), um policial evangélico que, durante uma batida, mata por acidente uma criança na favela. O fantasma dessa criança passa a aterrorizá-lo. Jaílton é ameaçado por colegas e se vê forçado a entrar para um grupo de milicianos mascarados extremamente violentos (os tais ninjas do título).



PEDRO MARTINS

Já em *Tira os óculos e recolhe o homem*, André Sampaio lança mão do *western spaghetti*, do documentário, de histórias em quadrinhos, do musical, do “filme-de-ditadura” brasileiro (muito em moda nos anos 1990) e do filme policial com direito a *back projection* para contar – em ritmo de samba de breque – a história real da prisão de Jards Macalé, em 1978, após um show com Moreira da Silva, em Vitória. Macalé faz duplo papel, interpretando ele mesmo e o próprio Morengueira, além de narrar uma parte do filme em depoimentos para a câmera. O roteiro baseou-se rigorosamente na letra do samba também intitulado *Tira os óculos e recolhe o homem*, composto por Moreira da Silva e Macalé (única parceria da dupla).

Com argumento e roteiro do mesmo Sampaio e de André Francioli, *Aranhas tropicais* mescla ficção científica e videoclipe, filme institucional e videogame, super-heróis e lumpesinato. Diferentemente do que ocorre com os outros dois curtas (que se servem de repertórios de gênero para falar do mundo), em *Aranhas tropicais* é o próprio cotidiano que parece ter sido invadido pelos filmes classe-B. A cidade é um imenso laboratório de péssimos roteiristas, e nós seus

personagens descartáveis. A mando da cientista Suzan (Bianca Bertolaccini), um homem-aranha acrobático e boçal (Borô, o Magnífico) sai pelas ruas capturando cobaias para os experimentos científicos que visam a “melhorar as espécies” e “reduzir suas deficiências”. Os mais variados tipos aberrantes aparecem: de clones mirins de Michael Jackson a casais *country*, passando por um *rapper*, uma estátua-da-liberdade e um lixeiro-porta-estandarte.

Ao lidarem com o cinema de gênero, esses três curtas articulam múltiplas referências nacionais e internacionais, eruditas e populares, criando indistinções e revalorizações a cada momento. É interessante observar a maneira como esse caldeirão vai acabar se relacionando com a própria tradição do cinema de gênero e da produção cinematográfica mais corriqueira e popular, tal como ela se deu no Brasil.

Assim, se as referências proclamadas por Dennison Ramalho passam por Gaspar Noé, William Friedkin, Claire Denis, Takashi Miike e, claro, José Mojica Marins, elas também vão dialogar com certa filmografia interessada em retratar a corporação policial (*Sete homens vivos ou mortos*, Leovigildo Cordeiro, 1969; *Matarou morrer: o caso Thabata, o bebê refém*, Clery Cunha, 1987 e *Tropa de elite*, José Padilha, 2007).

Ao recorrer ao filão do *western spaghetti*, André Sampaio não só reproduz um dos temas prediletos de Moreira da Silva (o Kid Morengueira) como nos remete a um dos núcleos mais prolíficos do cinema brasileiro popular, a Boca do Lixo, e seus banguê-banguês caboclos dirigidos por Oswaldo de Oliveira, Rubens Prado e Tony Vieira.

Por fim, em *Aranhas tropicais*, André Francioli aproxima o discurso cientificista e eugênico à publicidade & propaganda. Já conhecemos essa inquietante mistura de ciência e ideologia desde os filmes institucionais realizados no Brasil nos anos 1920-30, fascinados pela grandeza do país e pelos avanços do progresso. Os críticos da época chamavam esses “filmes naturais” de pura “cavação”. Não eram levados a sério, e sempre foram considerados malfeitos.

Para além da autoironia de seu realizador, não poderíamos também entender o letreiro que afirma ser *Aranhas tropicais* um filme “natural, bem feito e sério” como uma resposta a essa tradição? ■



PEDRO MARTINS

De cima para baixo:

Ninjas,

Tiras os óculos e recolhe o homem,

Aranhas tropicais